



Dia Internacional da

SOLIDARIEDADE

Franciscana Secular

'Em verdade vos digo:
cada vez que o fizestes a um desses
meus irmãos mais **pequeninos**,
a mim o fizestes' Mt 25,40



17 DE NOVEMBRO



Dia Internacional da
SOLIDARIEDADE
Franciscana Secular

'Em verdade vos digo:
cada vez que o fizestes a um desses
meus irmãos mais pequeninos,
a mim o fizestes' Mt 25,40

Organização e Revisão: **Bernadete de Lourdes Franco Pereira**
Arte e Diagramação: **Ricardo Meneses (ricardomeneses.adm)**





Conselho Nacional da OFS do Brasil Triênio 2025 – 2028

*“Seguir e testemunhar o Cristo pobre e crucificado”
(Regra da OFS, art. 10)*

17 de outubro de 2025

Às Irmãs e aos Irmãos da Ordem Franciscana Secular e da Juventude Franciscana do Brasil

Assunto: Instituição do Dia Internacional da Solidariedade Franciscana Secular e orientações para sua celebração – Festa de Santa Isabel da Hungria

Paz e Bem!

Caras irmãs e caros irmãos,

Com grande alegria e profundo senso de missão, comunico oficialmente a toda a Fraternidade Nacional a instituição do **Dia Internacional da Solidariedade Franciscana Secular**, a ser celebrado anualmente no dia **17 de novembro**, data em que a Igreja e a Ordem Franciscana Secular (OFS) celebram a memória de **Santa Isabel da Hungria**.

Esta data transcende a mera memória litúrgica de nossa amada Padroeira; é, antes de tudo, um **convite fervoroso à ação concreta** no mundo. Que este dia seja marcado, em cada Fraternidade, por gestos reais de partilha, atenção e serviço aos mais pobres e marginalizados.

Para nós, franciscanos seculares, a solidariedade não se configura como uma opção caridosa, mas sim como uma **exigência intrínseca** de nosso Batismo e de nossa Profissão na Ordem Franciscana Secular. Nosso chamado é seguir a Jesus Cristo, Pobre e Crucificado, trilhando os passos de São Francisco e Santa Clara de Assis, que enxergavam em cada criatura um irmão ou uma irmã, especialmente naqueles que sofrem.

Santa Isabel da Hungria, nossa Padroeira, encarnou este ideal ao reconhecer e amar o Cristo Pobre e Crucificado em cada pessoa necessitada. Ela não se limitou a oferecer bens; ela **doou sua vida, seu tempo, suas forças e seu amor**, convertendo o serviço aos doentes e marginalizados em seu altar pessoal. O Dia da Solidariedade é o momento de reavivar esse carisma, assumindo nossa vocação de levar o Evangelho para o mundo e o mundo para o Evangelho, transformando o serviço em sinal de nosso amor a Deus.

Irmãs e irmãos, Santa Isabel da Hungria não é um modelo inatingível. Foi uma jovem mãe, esposa e viúva que se santificou nas realidades simples e duras de sua vida. Seu segredo foi um **amor irresistível por Jesus Cristo**, que ela reconheceu, com olhos de fé, no rosto de cada pobre e doente.

Que o Dia da Solidariedade não seja apenas uma data no calendário, mas um ponto de partida para que cada fraternidade e cada franciscano secular renove seu

compromisso de ser, como Isabel, **conforto e esperança** para os pobres e doentes.

MATERIAIS ANEXOS PARA APROFUNDAMENTO E CELEBRAÇÃO

Para enriquecer a preparação e a vivência desta importante data em todas as Fraternidades, estamos anexando a este comunicado um conjunto de materiais formativos e celebrativos:

1. A **Carta do CIOFS** (Conselho Internacional da OFS) que institui e orienta a celebração do Dia Internacional da Solidariedade Franciscana Secular.
2. O **material completo da Liturgia** do dia, para a celebração fraterna.
3. Um roteiro de **Teatro** sobre a vida de Santa Isabel da Hungria, para ser encenado ou estudado.
4. **Material de Formação** aprofundado sobre nossa padroeira, Santa Isabel, para estudo e partilha em Fraternidade.
5. **Cartaz** para a divulgação do Dia Internacional da Solidariedade Franciscana Secular.

Além desses materiais indicamos o Tríduo Celebrativo publicado no ano retrasado em nosso site, que pode ser acessado pelo link: <https://ofs.org.br/triduo-em-honra-a-santa-isabel-da-hungria-2023/>

SUGESTÕES PRÁTICAS PARA AS FRATERNIDADES

1. Ação Concreta nas Periferias Existenciais

Visitem asilos, orfanatos e hospitais, levando não apenas donativos, mas também amizade e escuta.

Apoiem abrigos e centros de acolhida para pessoas em situação de rua, imigrantes ou dependentes químicos, oferecendo apoio voluntário regular.

2. Gestos Simbólicos que educam para a Partilha

Realizem o "Milagre das Rosas" em comunidade: em dias festivos, cada irmão pode trazer um quilo de alimento ou uma cesta básica para ser abençoada e doada a famílias necessitadas.

Promovam um "Jantar de Solidariedade", com refeições simples, como sopa e pão, destinando o valor arrecadado a projetos sociais.

3. Parcerias com Instituições Franciscanas

Adotem projetos da família franciscana, oferecendo doações regulares ou trabalho voluntário.

4. Oração e Mística que Sustentam a Ação

Celebrem a Eucaristia no dia 17 de novembro, em ação de graças a Santa Isabel, com a bênção dos pães para distribuição.

Conclamo a todas as Fraternidades a utilizarem este material e a transformarem o dia 17 de novembro em uma poderosa manifestação do nosso compromisso com a justiça e a caridade fraterna. Que Santa Isabel nos inspire a sermos, como ela, **missionários da Misericórdia** na Igreja e no mundo.

Fraternalmente,

Helmir José Soares da Silva

Ministro Nacional da Ordem Franciscana Secular do Brasil

ANEXOS





Ordo Franciscanus Saecularis
Consilium Internationale

Prot. nr. 3816

Roma, 07 de abril, 2025

A cada Conselho Nacional da OFS
A cada Conselho Nacional da JUFRA

Ref: Dia Internacional da Solidariedade Franciscana Secular

Queridos irmãos e irmãs, tudo é graça!

Gostaria de saudá-los com alegria e esperança, hoje, quando entre as várias realidades que existem nos diversos lugares, nos vemos obrigados a viver o dom da vocação que recebemos, especialmente em nossas Fraternidades Locais, onde vivemos dia após dia nosso ser Franciscanos Seculares e onde nos esforçamos para cumprir nossa missão: para "reconstruir a Igreja". Venho a vós, irmãos e irmãs, tendo na mente e no coração as palavras do Santo Padre Francisco por ocasião do Jubileu: *"No coração de cada pessoa, habita a esperança como desejo e expectativa de coisas boas que virão, apesar de não sabermos o que o futuro pode trazer"*. (*Spes non confundit* 1.)

6

Precisamente com base no chamado a reconstruir a Igreja e a realizar ações que restaurem ou fortaleçam a esperança de todos, a Presidência do CIOFS aprovou a instituição da

Dia Internacional da Solidariedade Franciscana Secular.

Estamos conscientes de que a solidariedade deve ser praticada constantemente, dia após dia e em todos os lugares, mas como Ordem consideramos que em nível internacional podemos ter atividades concretas e realizáveis que nos fortaleçam para sermos uma família e sermos mais solidários.

O Dia será realizado em **17 de novembro** de cada ano, **feira de Santa Isabel da Hungria**, Padroeira da Ordem Franciscana Secular. Os valores franciscanos de humildade, serviço, despojamento, caridade, ajuda aos pobres, aos mais necessitados, aos que sofrem, tão característicos em sua vida. Falar de Santa Isabel é um chamado a contemplar os caminhos concretos da caridade e da solidariedade em sua vida, e suas ações inspiram e dão o exemplo. Portanto, consideramos que devemos promover a solidariedade não apenas como meio de assistência, mas também como parte da formação que leva à conversão e ao fortalecimento da unidade, integração, colaboração e participação em nossas fraternidades OFS e JUFRA, além de ser um testemunho vivo



de esperança em uma sociedade que está se tornando cada vez mais indiferente.

O Dia será realizado em todos os níveis de maneiras diferentes, mas sempre concretas. Todos somos chamados a dar passos concretos, considerando a diversidade das realidades. O objetivo é arrecadar fundos ou recursos que ajudem as necessidades concretas em nossas Fraternidades Locais, Regionais, Nacionais OFS e JUFRA. Essas medidas concretas podem ser coletar alimentos ou remédios, dar esmolas, visitar os doentes, os idosos, os necessitados. É importante destacar que este Dia foi instituído para atender aqueles que se encontram em várias dificuldades dentro e ao redor de nossas Fraternidades presentes em várias partes do mundo. Portanto, será usado para se aproximar dos irmãos em dificuldade da mesma Fraternidade, ou daqueles de uma Fraternidade vizinha ou de nível superior. O objetivo principal não é ser eficaz na acumulação de recursos, mas o objetivo principal é ajudar de qualquer forma, trazer esperança com ações concretas.

A transparência também é importante, por isso é recomendável implementar os registros pertinentes das ações, para manter um controle claro do que é coletado e como é usado, desta forma evitaremos confusões, mal-entendidos ou comentários que afetem a vida fraterna.

Queridos Irmãos, o Papa Francisco na Bula de proclamação do Jubileu 2025 disse: *"A esperança nasce do amor e se baseia no amor que brota do coração trespassado de Jesus na cruz". (Spes non confundit 3.)* Levemos esperança com ações concretas, tomemos consciência da importância da caridade em nossas vidas, em nosso ser franciscanos. Sejam exemplo de compaixão e de serviço, inspirados também no exemplo de Santa Isabel da Hungria!

7

Por fim, gostaria de vos pedir que nos apoiem, dando a conhecer o Dia Internacional da Solidariedade Franciscana Secular, e que acompanhem e animem os irmãos e irmãs para o seu adequado desenvolvimento.

Que a nossa Mãe Santíssima, a Virgem Maria, e o seu fiel exemplo materno nos ajude e nos abrace, dia após dia.

Com saudações fraternas,

Tibor Kauser,
Ministro Geral da OFS



SANTA ISABEL DA HUNGRIA PADROEIRA DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR (1207-1231)

Autoria: Frei Dorvalino Fassini, OFM (*in memoriam*)

Fé concreta, feita de fatos e atos que nasciam de uma fé-encontro com a pessoa de Jesus Cristo: amor entranhado...

Como rainha devia andar sempre com a coroa na cabeça...

Festa da Assunção: “Como posso eu, criatura miserável continuar a carregar uma coroa de dignidade terrena quando meu Rei Jesus Cristo vive coroado de espinhos”?

Do mesmo modo como ela se comportava diante de Deus, assim também se comportava diante dos súditos. Só se alimentava de alimentos que viessem das propriedades de seu marido. Longe dela usar qualquer bem que tivesse qualquer procedência ilegal ou desonesta. Longe dela, por exemplo, usar bens que eram do povo. Procurava sempre ajudar pessoas que sofressem qualquer violência ou injustiça: A AUTORIDADE DEVE SER VIVIDA COMO SERVIÇO À JUSTIÇA E À CARIDADE.

Era muito frequente sair do palácio acompanhada de empregadas levando farinha, pão, carne e outros alimentos para os pobres e doentes.

Milagre das rosas... O marido a apoiava: “Enquanto não me vender o castelo, estarei sempre contente”.

Obras de misericórdia... Ela ajudava o marido rei a governar dentro dos princípios evangélicos e ele retribuía apoiando-a nas suas generosidades para com os pobres... Sempre mais admirando a grande fé da esposa dizia: “Querida Isabel, é a Cristo que tens lavado os pés, dado de comer, e ao qual tens prestado teus serviços”.

Um claro testemunho de como a FÉ e o amor para com Deus e com o próximo dão força à vida familiar e tornam ainda mais profunda a união matrimonial.

Em 1222, Isabel teve o encontro com São Francisco, através dos Frades menores que começaram a chegar na Alemanha e Hungria. Em 1228 depois de falecido o marido ela se retira do castelo para consagrar-se inteiramente a Cristo e ao cuidado dos pobres, principalmente junto ao hospital que para isso mandara construir com seus recursos.

Nascimento e parentescos

Isabel de Andechs foi a segunda filha do Rei André II, da Hungria e de sua esposa Gertrudes de Andechs-Meran. Ela nasceu no verão de 1207, no Castelo de Bratislava ou Saros-Patak. Em seu sangue fluía a nobreza das mais poderosas casas reais da Europa. Do lado materno, era sobrinha de Santa Edwiges e tia das santas Cunegunda (Kinga) e Margarida da Hungria e tia-avó de Santa Isabel de Portugal e, do lado paterno, prima de Santa Inês de Praga (da Boêmia).

O nascimento de Isabel foi maravilhosamente anunciado por Klingsohr da Transilvânia, um trovador medieval, no distante Reino da Turíngia. Numa noite de festa, profetizou ao então Landgrave Hermano com as seguintes palavras: “Vejo uma estrela que se levanta da Hungria, que brilhará aqui nesta terra e depois no mundo inteiro. Pois hoje nasceu na Hungria uma menina que será santa. Ela será



esposa de seu filho quando crescer, e será famosa no mundo inteiro."

Encantado com as palavras proféticas que ouvira, o Landgrave Hermann I enviou uma comitiva a Hungria e foi acertado com o Rei André II o casamento de Isabel com seu filho mais velho, o infante Hermann. Diz a tradição que a menina, com apenas quatro anos, despediu-se da Hungria e foi levada à Turíngia num berço de prata, acompanhada de uma grande escolta, para ser educada ao lado do futuro esposo. No entanto, quis o destino que o Príncipe Hermann falecesse e em seu lugar, Isabel foi prometida em casamento ao Príncipe Luís von Hesse (*), segundo filho do Landgrave Hermann I e da Duquesa Sofia da Bavária. O certo é que Luís e Isabel viveram um amor intenso, belo e verdadeiro desde o primeiro momento.

Um casamento abençoado e fecundo

O Landgrave Hermann era soberano de um dos feudos mais ricos do Sacro Império Romano-Germânico. O noivado foi realizado no Castelo de Wartburg, em Eisenach, capital do Ducado da Turíngia, quando Isabel tinha apenas 4 anos e Ludwig, 11. Anos depois, em 1217, morreu o Landgrave Hermann I e Luís assumiu a coroa, quando se casou com Isabel em meio à grandes festas. Juntos, viveram um matrimônio exemplar, abençoado com três filhos. Isso, no entanto, fez atrair sobre Isabel os ciúmes de sua sogra, a duquesa Sofia e demais parentes do esposo, principalmente seus cunhados, os príncipes Henrique Raspe e Konrad e a princesa Inês.

Como governante, Luís se mostrou sábio, forte, corajoso e justo. E Isabel partilhava com o marido suas intenções de zelar pelo bem-estar e felicidade de seu povo, baseados em fortes princípios cristãos. A religiosidade alemã foi fortemente influenciada pela espiritualidade franciscana, cuja ordem surgiu naquela época. Admirada dos exemplos de Francisco e Clara de Assis, a princípio Isabel quis viver uma pobreza voluntária total, no que foi desaconselhada pelo seu diretor espiritual, Conrado de Marburgo, que a aconselhou a viver as virtudes do seu estado.

Sua doçura e abnegação, fortemente enlaçadas por um grande amor a Deus e aos pobres foram causa de um intenso apostolado missionário junto aos sofridos e por isso mesmo suas práticas de caridade foram objeto das bênçãos divinas, que provou a virtude se sua serva com admiráveis milagres e prodígios. Embora o povo a amasse e a considerasse uma santa, o mesmo não nutriam por ela os parentes de seu amado esposo e demais nobres da corte.

A Duquesa Sofia, sua cunhada Inês e os cunhados Henrique e Konrad sempre a perseguiram e tentaram indispor-la contra Luís, o que a jovem sempre perdoou e ocultou ao marido. Em várias ocasiões armaram situações para que Luís por ela se antipatizasse e a rejeitasse, como era comum ocorrer com muitos reis levianos da época. Mas o amor, o carinho e a admiração que Luís sentia por Isabel era maior que tudo. Certamente o mais famoso milagre narrado a seu respeito foi o chamado Milagre das Rosas.

Dela conta-se que certa vez, quando levava pães para os pobres nas dobras de seu manto, encontrou-se com seu marido, que voltava da caça. Luís estranhou a conduta da esposa, que parecia esconder algo, talvez insuflado pela astúcia de seu irmão Henrique ou da própria mãe, Sofia. O diálogo entre os dois ficou famoso nos anais das lendas de santos. "O que tu levas no avental Isabel?" Ao que a jovem princesa respondeu, trêmula: "São rosas, meu senhor!" Espantado por vê-la

curvada ao peso de sua carga, ele abriu o manto que ela apertava contra o corpo e nada mais achou do que belas rosas frescas e orvalhadas, embora fosse inverno e não fosse época de flores. Note-se que da sua sobrinha, Santa Isabel de Aragão, Rainha de Portugal, se conta uma lenda muito idêntica, o Milagre das Rosas.

Em outra situação, avisado pelos nobres da corte de que a esposa havia acolhido um leproso sobre o próprio leito, Luís correu para lá enojado, achando que a esposa havia enlouquecido, mas os olhos de sua alma se abriram e ele contemplou uma imagem de Cristo Crucificado.

De uma outra feita, sabendo que chegariam alguns nobres da Hungria, enviados pelo Rei André para visitarem-nos, Luís mandou preparar uma grande festa para recepcioná-los. Isabel havia passado o dia inteiro cuidando dos pobres e não estava vestida decentemente, o que foi o bastante para receber as críticas daqueles que a perseguiam. Luís, preocupado em proteger a esposa daqueles que a perseguiam, pediu que ela se preparasse convenientemente para o banquete segundo a sua condição de rainha, ainda mais diante dos emissários de seu pai. Contudo, Isabel prometeu ao marido que se apresentaria em todo o esplendor de sua humildade. E qual não foi a surpresa e o deslumbramento de todos quando ela se apresentou na sala do trono diante do marido, da corte e dos visitantes bela e esplendorosa num vestido de brocados, trajando um suntuoso manto de veludo ornado de ouro e pérolas. Assim Deus vestira a sua serva diante a solicitação do fiel Luís.

Luís apoiava e auxiliava a amada esposa em suas grandes obras de caridade e chegava até mesmo a passar horas da noite ajoelhado ao seu lado, segurando-lhe as mãos enquanto ela rezava. Porém, tamanha prodigalidade para com os pobres apoiada pelo próprio Rei continuava a irritar os seus cunhados, os príncipes Henrique e Konrad da Turíngia, embora a Duquesa Sofia tivesse reduzido ou até cessado a perseguição a nora, em virtude dos milagres que havia presenciado.

A caminho para as cruzadas, acompanhando o imperador Frederico II a quem muito admirava, Luís faleceu de peste em Otranto, o que causou enorme dor em Santa Isabel, que recebera a notícia da morte em outubro, após o nascimento da terceira filha, Gertrudes. Ao saber da morte do esposo, Isabel desesperou-se e saiu gritando enlouquecida pelo castelo, dizendo em prantos: "O mundo morreu para mim, e com ele, tudo quanto era alegria". Durante oito dias choraram a morte de Luís.

Assume e professa a Vida e a Ordem Franciscana Secular

Esta dor, entretanto, foi ainda acrescida de maiores agruras, quando seus cunhados, livres do temor que nutriam pelo irmão mais velho, expulsaram Isabel do castelo com seus filhos, em pleno inverno, sem dinheiro e sem mantimentos. O seu cunhado Henrique Raspe usurpou a coroa e expulsou Isabel e as três criancinhas, acompanhadas das fiéis Jutta e Isentrude e proibiu a quem quer que fosse ajudá-los, sob pena de castigo. O povo que antes idolatrava a jovem Isabel agora se viu obrigado a lhe fechar as portas por medo do novo Landgrave.

Isabel teria ficado em situação complicada se não fosse resgatada mais tarde por sua tia Matilda, Abadessa do Convento Cisterciense de Kitzingen. Seu tio Otto, que era Bispo de Bamberg tentou convencê-la a se casar novamente com outro príncipe europeu, mas Isabel não quis. Foi então que tomou a decisão mais difícil de sua vida: preferiu confiar a seus parentes a educação dos três filhos - Hermano,



Sofia e Gertrudes - e quis tomar o hábito da **Ordem Terceira de São Francisco**, junto de suas duas fiéis damas de companhia Jutta e Isentrude.

Algum tempo depois, entretanto, os cavaleiros que tinham acompanhado o Duque da Turíngia à cruzada voltaram, trazendo seu corpo. Corajosamente enfrentaram os Príncipes, irmãos do duque falecido e exprobraram-lhes a crueldade praticada contra a viúva de seu próprio irmão e contra seus sobrinhos. Os príncipes não resistiram às palavras dos cavaleiros e pediram perdão a Isabel restauraram seus bens e propriedades. Também o Papa havia forçado Henrique a devolver a coroa e a fortuna à cunhada, sob pena de excomunhão. Orientada por Mestre Conrado, aceitou a fortuna para poder utilizá-la em favor dos pobres. No entanto, entregou o pequeno Hermano para ser educado pela avó no Castelo de Wartburg a fim de se tornar o futuro Landgrave da Turíngia. Quanto a Sofia, entregou-a aos cuidados da tia para ser educada no convento e ela mais tarde se tornou a Duquesa de Brabant. A pequenina Gertrudes foi entregue às monjas do Mosteiro de Altemberg e ali cresceu, tornando-se religiosa mais tarde.

Henrique ficou como Regente de ducado durante a minoridade do sobrinho mais velho, o novo Duque soberano, porém Isabel preferiu viver na pobreza absoluta, o que muito desejava; retirou-se primeiro para Eisenach, depois para o Castelo de Pottenstein e, finalmente para uma modesta residência em Marburgo. Ali fundou um hospital com parte da herança do marido e se pôs a viver numa humilde choupana, de onde saía para atender os pobres, mendigos e doentes que acolhia amorosamente. A capela do Hospital de Marburgo foi dedicada em honra a São Francisco de Assis.

Mestre Conrado de Marburgo a orientou numa vida de renúncia, impondo-lhe uma rígida e sufocante disciplina. Expulsou de perto dela as duas fiéis amigas Jutta e Isentrude e colocou em sua companhia duas mulheres de vida dissoluta que a agrediam e caluniavam. Mestre Conrado chegou até mesmo a dar-lhe tapas no rosto. Depois de tantos sofrimentos que ela suportou com admirável resignação, a jovem Isabel foi salva por seu antigo protetor e padrinho, o Conde Bertoldo de Saros-Patak, que em companhia de vários outros cavaleiros e nobres amigos fiéis a ela e ao seu falecido marido, obrigaram Mestre Conrado a abrandar o rigor de sua direção espiritual, o que ele fez por medo. Então restituiu Isentrude e Jutta à companhia de Isabel e a alegria voltou ao seu coração.

Nesta época de sua vida, a santidade de Isabel manifestou-se de forma extraordinária e seu nome tornou-se famoso em todas as montanhas da Alemanha. Dizia-se que São João Batista vinha lhe trazer pessoalmente a comunhão e que inúmeras vezes ela foi visitada pelo próprio Jesus Cristo e pela Virgem Maria, que a consolavam em seus sofrimentos. Uma de suas amigas depôs no processo de canonização que surpreendeu várias vezes a santa elevada no ar a mais de um metro do chão, enquanto contemplava o Santíssimo Sacramento absorta em êxtase contemplativo. Perguntada certa vez sobre que fim queria dar à herança que lhe pertencia disse: "Minha herança é Jesus Cristo!"

Dias antes de sua morte, Nossa Senhora apareceu-lhe cercada de anjos e prometeu-lhe o céu, visão esta que causou profunda alegria ao coração de Isabel. Faleceu docemente na noite do dia 17 de novembro de 1231, com apenas 24 anos. Foi sepultada com grandes honras e seu túmulo foi e ainda é palco de inúmeros milagres realizados por sua intercessão. Foi canonizada pelo Papa Gregório IX em 1235. Também seu marido Luís e sua filha Gertrudes foram elevados à honra dos altares e honrados como santos.

Palavras do Papa Bento XVI

Disse o Cardeal Ratzinger, quando ainda era arcebispo de Munique: *O que fez essa santa foi realmente viver com os pobres. Desempenhava pessoalmente os serviços mais elementares do cuidado com os doentes: lavava-os, ajudava-os precisamente nas suas necessidades mais básicas, vestia-os, tecia-lhes roupas, compartilhava a sua vida e o seu destino e, nos últimos anos, teve de sustentar-se apenas com o trabalho das suas próprias mãos. (...)*

Deus era real para ela. Aceitou-o como realidade e por isso lhe dedicava uma parte do seu tempo, permitia que Ele e sua presença lhe custassem alguma coisa. E como tinha descoberto realmente a Deus, e Cristo não era para ela uma figura distante, mas o Senhor e o Irmão da sua vida, encontrou a partir de Deus o ser humano, imagem de Deus. Essa é também a razão por que quis e pôde levar aos homens a justiça e o amor divinos. Só quem encontra a Deus pode também ser autenticamente humano. (Da homilia na igreja de Santa Isabel da Hungria de Munique, em 2 de dezembro de 1981).

Por tudo isso, mereceu ser **proclamada padroeira da Ordem Franciscana Secular**.

Sua festa litúrgica é celebrada dia **17 de novembro**.

(*) Algumas obras consideram o nome do esposo de Isabel como Ludwig ou **Ludovico**.

Para pensar e viver:

Como Isabel se comportou no meio das riquezas e das honras do palácio real? O que a levava a assumir tais atitudes? Como isso poderia ser seguido por nós, hoje?

Como surgiu a vocação para a vida Franciscana Secular de Isabel? Há algo comum com a nossa vocação?



ENCENAÇÃO DEPOIS DA MISSA

ISABEL

Uma santa de fé concreta
Padroeira da ordem franciscana secular

Autoria: Frei Dorvalino Fassini, OFM (*in memoriam*)

1º ATO

Narrador I (*em tom de anúncio*): Isabel – uma santa de fé concreta – padroeira da Ordem Franciscana Secular

Narrador II: A exemplo de todo nós, também Isabel, rainha da Hungria, veio ao mundo, como fruto do Mistério da fonte da Vida:

Narrador I: do Pai que a pensou e desejou como filha;

Narrador II: Do Filho que a escolheu e elegeu como irmã;

Narrador I: E do Espírito Santo que a iluminou e santificou.

Narrador II: Para realizar esta obra de amor, porém, Deus precisou de colaboradores.

Narrador I: Do pai André II, rei da Hungria

Narrador II: De sua esposa Gertrudes, a mãe.

Narrador I: O nascimento de Isabel, em 1207, foi assim anunciado por um famoso trovador medieval.

Trovador: "Vejo uma estrela que se levanta da Hungria, que brilhará aqui nesta terra e depois no mundo inteiro. Pois hoje nasceu na Hungria uma menina que será santa e famosa no mundo inteiro."

Narrador I: Era, também, o tempo de São Francisco e de seus companheiros.

(Entram 3 duplas de frades. Uma de cada porta da igreja e de cada corredor. A cada dupla, vão se ajuntando alguns leigos que, logo em seguida, formam três grupos separados)

Frades: Paz e Bem, Irmãos! Paz e Bem! Que o Senhor os abençoe! (*Repetem isto divers vezes enquanto percorrem o seu caminho. Saem pela porta da sacristia*)

Narrador II: Muitas pessoas, de ambos os sexos, sem abandonar o mundo, se associavam espiritualmente a esses santos homens para formar pequenos grupos chamados de Fraternidades dos Penitentes de São Francisco ou de Irmãos da Terceira Ordem de São Francisco.

Narrador I: Embora casada com o Rei Luís Hermann, a princípio, Isabel também quis, a exemplo daqueles santos homens e mulheres, sair do palácio real a fim de viver uma pobreza voluntária e total.

Narrador II: Seu diretor espiritual, porém, aconselhou-a a buscar estas virtudes vivendo em seu próprio estado de rainha.

Narrador I: Não foi fácil para Isabel conciliar a vida de rainha com a pobreza franciscana.

(Isabel entra e se ajoelha diante da Cruz, fica uns instantes ajoelhadas, depois se levanta e voltada para o povo):

Isabel: Como posso eu, criatura miserável continuar a carregar esta coroa de dignidade terrena quando Tu meu Rei Jesus Cristo vives coroado de espinhos? Como posso eu viver neste palácio quando tu vives no meio dos pobres, doentes e leprosos?!

Narrador II: Do mesmo modo como ela se comportava diante de Deus, assim também se comportava

diante dos súditos. Longe dela usar qualquer bem que tivesse qualquer procedência ilegal ou desonesta,

muito menos usar bens que eram do povo. Procurava sempre ajudar pessoas que sofressem qualquer

violência ou injustiça. Por isso costumava dizer para si e para seu marido:

Isabel: A AUTORIDADE DEVE SER VIVIDA COMO SERVIÇO À JUSTIÇA E À CARIDADE. *(sai)*

2º ATO

Narrador I: Certa vez, Isabel acabara de encher o avental com pães para os pobres quando na saída

encontrou-se com o marido que voltava da rua:

Rei: Isabel, minha querida, o que carregas neste avental tão abarrotado?

Isabel: Flores, meu senhor!

Rei: Flores, neste tempo de inverno e fora de época? *(abre o avental e aparecem rosas)*

(ambo saem)

Narrador II: noutra ocasião, Isabel, por amor a Cristo, fizera mais uma loucura.

Isabel *(entra carregando um leproso que o leva para atrás de um biombo)*

Narrador I: o Rei, avisado pelos nobres do palácio veio correndo.

Rei: Isabel, como ousas levar um leproso para o nosso quarto e depositá-lo em nossa cama. Isto é demais, uma loucura!

(abre a cortina e aparece uma Cruz)

Narrador II: Em 1222, falecido o marido, Isabel sofreu um dos golpes mais duros de sua vida. O cunhado Henrique não apenas usurpou-lhe a coroa, mas também expulsou-a do palácio real. Isabel, então tomou a decisão mais importante de sua vida.

Narrador I: Depois de confiar a criação e a educação de suas três crianças aos seus familiares decidiu-se a tomar o hábito da Ordem Terceira de São Francisco juntamente com suas duas fiéis companheiras.



(Isabel, acompanhada de duas ajudantes, entra com vestes bem pobres da antiga Ordem Terceira. Entram também alguns seculares e frades. Isabel, diante dos irmãos, das irmãs e dos frades faz a promessa)

Isabel: Movida pela Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, prometo amar o Senhor Deus, de todo o coração, de toda a alma e com todas as minhas forças. Prometo, também, amar meu próximo, principalmente os pobres e doentes como a mim mesmo. Prometo, ainda, sempre que puder, receber o Santíssimo Corpo do Senhor a fim de que pela Penitência evangélica possa trocar este meu corpo cheio de pecados pelo seu Corpo puro e santo.

Francisco: E eu frei Francisco, da parte de Deus, em meu nome e em nome de todos os Irmãos de nossa Ordem, se observares essas coisas até o fim, te prometo a perfeita alegria já neste mundo e depois a vida eterna.

(Todos estendem as mãos)

Que o Senhor te abençoe e te proteja! Mostre a sua face e se compadeça de ti. Volva para ti o seu rosto e te dê a Paz! Que o Senhor te abençoe, o Pai, o Filho e o Espírito Santo! Amém!

Canto

SANTA ISABEL DA HUNGRIA ESPOSA E RELIGIOSA

Padroeira da Ordem III
Para TOR e OFS: Solenidade
Para FF: Festa

RITOS INICIAIS

Isabel nasceu na Hungria em 1207 e faleceu na Alemanha em 1231. Foi esposa de Luís 4º. e mãe de três filhos. Após a morte do marido, assumiu o ideal de São Francisco, adotando, como estilo de vida, a penitência, a oração e a caridade. A seu exemplo sejamos fiéis ao Senhor, sejamos solidários com os que passam necessidades.

Dentre tantas virtudes, o que mais chamava a atenção era seu amor pelos pobres. Desempenhava pessoalmente os serviços mais elementares do cuidado com os doentes. E como tinha descoberto Cristo como seu Senhor, encontrou a partir dele o ser humano, sua imagem. Essa é também a razão porque quis e pôde levar aos homens a justiça e o amor divinos.

Coleta: Ó Deus, que destes a Santa Isabel da Hungria o dom de reconhecer e venerar o Cristo nos pobres, concedei-nos, por sua intercessão, servir os necessitados e aflitos com incansável caridade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

16

LITURGIA DA PALAVRA (do dia) *onde for autorizado, incluir a seguinte leitura*

Da Carta escrita por Conrado de Marburgo, diretor espiritual de Santa Isabel **Isabel conheceu e amou Cristo nos pobres**

“Muito cedo começou Isabel a possuir grandes virtudes. Do mesmo modo como a vida inteira foi a consoladora dos pobres, era também desde então a providência dos famintos.

Determinou a construção de um hospital, perto de um castelo de sua propriedade, onde recolheu muitos enfermos e enfraquecidos. A todos que ali iam pedir esmola, distribuiu liberalmente suas dádivas; e não só ali, mas em todo o território sob a jurisdição de seu marido. Destinou para isto a renda de quatro dos principados do esposo, e foi ao ponto de mandar vender seus adornos e vestes preciosas em benefício dos pobres.

Tinha o costume de, duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde, visitar pessoalmente seus doentes, e chegava mesmo a tratar com as próprias mãos os mais repelentes. A alguns deles alimentava, a outros preparava o leite, a outros até carregava nos ombros. Assim realizava muitas obras de bondade. Em tudo isto, seu marido, de feliz memória, não se mostrava contrariado. Contudo, após a morte deste, tendendo para a máxima perfeição, rogou-me com lágrimas que lhe permitisse ir mendigar de porta em porta.

Numa Sexta-feira Santa, desnudados todos os altares, em uma capela de seu castelo onde acolhera os frades franciscanos, colocou as mãos no altar e, na



presença de umas poucas pessoas, renunciou à própria vontade e a todas as pompas mundanas e a tudo quanto o Salvador no Evangelho aconselhara abandonar. Feito isto, vendo que poderia deixar-se absorver pelo tumulto do século e glória mundana, naquela terra onde vivera, com esplendor em vida do esposo, seguiu-me contra minha vontade a Marburgo. Nesta cidade, construiu um hospital para doentes e necessitados, chamando à sua mesa os mais miseráveis e desprezados.

Além desta atuação operosa, digo-o diante de Deus, raramente vi mulher mais contemplativa. Algumas pessoas e mesmo religiosos, na hora de sua oração particular, viram muitas vezes seu rosto brilhar maravilhosamente e como raios de sol jorrarem de seus olhos.

Antes da morte, ouvi-a em confissão. Indagando-lhe, então, qual o seu desejo em relação ao que possuía e a seus móveis, respondeu que tudo quanto parecia possuir já pertencia aos pobres e pediu-me para distribuir-lhes tudo, reservando apenas a túnica vulgar que vestia e com a qual queria ser sepultada. Depois, recebeu o Corpo do Senhor e, em seguida, até à hora de Vésperas falou bastante sobre as ótimas coisas que ouvira no sermão. Finalmente, com toda a devoção, recomendando a Deus todos os presentes, expirou como se adormecesse suavemente.”

Preces da assembleia

PR: Confiantes na intercessão de Santa Isabel da Hungria e fortalecidos pela Palavra do Senhor, dirijamos a Deus nossas preces, dizendo:

AS: Atendei Senhor a nossa prece.

1. Por nossas Fraternidades para que, como Santa Isabel, aprendamos a ser coerentes com o Evangelho na vivência do dia a dia, rezemos ao Senhor.
2. Para que todos nós imitemos Santa Isabel na caridade e generosidade para com os mais necessitados, rezemos ao Senhor.
3. Para que a exemplo de Santa Isabel cultivemos o espírito de oração, penitência e caridade, rezemos ao Senhor.
4. Pelos povos esmagados pelas guerras, genocídios, injustiças e perseguições, para que tenham a fé necessária para suportar tais sofrimentos, rezemos ao Senhor.
5. Pelas organizações sociais de ajuda e amparo aos que não tem força, voz e defesa na sociedade, rezemos ao Senhor.

Sobre as oferendas: Recebei, Senhor, os dons do vosso povo e concedei a nós, que recordamos a obra da imensa caridade do vosso Filho, ser confirmados, a exemplo de Santa Isabel da Hungria, no amor a vós e ao próximo. Por Cristo, nosso Senhor.

Depois da comunhão: Revigorados por estes sagrados mistérios, concedei-nos, Senhor, seguir o exemplo de Santa Isabel da Hungria, que vos serviu com filial constância e se dedicou ao vosso povo com imensa caridade. Por Cristo, nosso Senhor.

Comentário final: Santa Isabel foi uma mulher muito corajosa e protagonista das vocações em todos os estados de vida, tendo sido a primeira mulher franciscana canonizada na Igreja Católica. O ideal sublime de toda sua vida foi a grande caridade para com todos os pobres e doentes. Que a seu exemplo, possamos chegar à perfeição da caridade no nosso próprio estado de vida.

Nota: quando não for possível participar da Santa Missa, rezar individual ou em Fraternidade a Celebração da Palavra, constante no Devocionário Franciscano da página 441 a 447.

Rito da Palavra

Primeira Leitura: Eclo 26, 1-3.19-24

Salmo responsorial: Sl 30 (31)

Segunda Leitura: 1Tm 5, 3-10

Evangelho: Lc 6, 27-38

O Hino à Santa Isabel (no. 100) está à página 643 do mesmo devocionário.



CREMOS NO AMOR

CARTA SOBRE O VIII CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE SANTA ISABEL PRINCESA DA HUNGRIA, GRANDE CONDESSA DA TURÍNGIA, PENITENTE FRANCISCANA

A todas as irmãs e irmãos da Família Franciscana,
de modo especial,
a todas as irmãs e irmãos da Ordem Terceira Regular
e da Ordem Franciscana Secular,
que se honram em ter a Santa Isabel como padroeira;
e a todos os seus devotos e admiradores:
a misericórdia de Deus inunde vossos corações.

1. VIII centenário, 1207-2007

1.1 No próximo ano de 2007, celebraremos o VIII centenário do nascimento de Santa Isabel, princesa da Hungria, grande condessa da Turíngia e penitente franciscana. Este ano jubilar se abrirá em 17 de novembro de 2006 e se encerrará no mesmo dia de 2007. A Terceira Ordem Franciscana a honra como padroeira e toda a Família Franciscana a inclui entre suas glórias. Queremos aproveitar esta ocasião única para apresentar sua figura excepcional de entrega a Deus Pai, no seguimento de Cristo e na diluição de todo seu ser em Deus Amor. Queremos evocar a consumação de todas as suas forças no exercício da caridade levada até o heroísmo.

Cremos no amor de Deus: O Papa Bento XVI, na encíclica programática de seu pontificado, *Deus caritas est* (DC 1), nos recordou que estas palavras expressam a opção fundamental do cristão. O amor foi o eixo em torno do qual girou toda a vida de santa Isabel. Se o início e a garantia de nossa vida cristã não estão marcados por uma decisão ética senão pelo encontro com uma pessoa, como disse o Papa, nosso desejo é que o ano de 2007 seja um encontro com santa Isabel que nos leve a uma compreensão mais pessoal do amor de Deus, para que nossa fé em seu amor saia fortalecida e nos anime a ser instrumentos de sua misericórdia. Oxalá possamos fazer nossa esta frase que clama na vida de Isabel: Cremos no amor.

A estrela de santa Isabel brilha com fulgor próprio no firmamento da santidade e no campo da humanidade e da misericórdia. Seu mérito transcende as fronteiras da Igreja Católica, é admirada e venerada também pelos luteranos; até descobrimos nela marcas universais de caridade, fraternidade e convivência que podem marcar caminhos no campo do compromisso social para todos os que se dedicam a semear consolo entre a humanidade sofrida.

Em sua vida se cruzam atitudes que refletem literalmente o evangelho de Jesus Cristo. Aceitou com firmeza as exigências apresentadas por Jesus sobre o senhorio de Deus; a exigência de despojar-se de tudo e fazer-se pequenos, crianças, para entrar no reino do Pai. Esvaziou-se de si mesma até se fazer acessível a todos os necessitados. Descobriu a presença de Jesus mesmo nos

pobres, nos desprezados pela sociedade, nos famintos e enfermos (Mt. 25). Todo o empenho de sua vida consistiu em viver a misericórdia de Deus-Amor e fazê-la presente no meio daqueles que desconheciam a dos homens.

1.2 Isabel buscou o seguimento radical de Cristo que, sendo rico se fez pobre, no mais genuíno estilo de Francisco. Abandonou as ilusões e ambições do mundo, o luxo de sua corte, as comodidades, as riquezas, os aparatos de luxo... Desceu de seu castelo e armou sua tenda entre os desprezados e feridos para servi-los. Foi a primeira santa franciscana canonizada, a primeira que tornou realidade os ideais de Francisco de Assis, forjada à maneira da vida evangélica que este viveu e ensinou.

É certo que a efeméride que celebramos se perde na penumbra de um passado remoto, envolto em lendas, porém estamos convencidos de que, se revivermos a santa que foi e o que fez sairemos enriquecidos em nosso ser e em nosso operar. A autêntica santidade e o humanismo sem fronteiras estão fora do tempo, transcendem toda cultura. A mensagem de sua vida transpassa os oito séculos que nos separam de seu nascimento. Mas, para entender e julgar Isabel, não podemos perder de vista que é filha de seu tempo, do século XIII, quando os valores da religião tinham supremacia na sociedade.

Queremos penetrar em seu espírito, em seu coração e descobrir a fonte de onde emanava sua misericórdia e seu amor sem limites, nem distinções. Queremos admirar e louvar a Deus pela singularidade de Isabel, por sua decisão radical, por sua ousadia em ser diferente em sua sociedade. Estes são os motivos destas celebrações e desta carta dirigida à Família Franciscana e, de maneira especial, às irmãs e irmãos da Terceira Ordem Regular e Secular.

2. Legenda e vida de Isabel

2.1. Sua vida foi entremeada de lendas que, ainda que seja fruto da veneração e da fantasia, pasmam facetas importantes de sua personalidade. Contudo, de nossa sensibilidade realista e pragmática, queremos perguntar-nos pela história que está por trás das lendas. Se a criação fantástica adornou uma Isabel fora do âmbito humano, foi para manifestar sua personalidade, seu gênio, sua santidade única e provocativa. Não podemos ignorar as lendas que envolvem sua pessoa e sua ação como uma coroa. São as cores vivas de sua imagem, é a metáfora dos seus feitos. No entanto, queremos selecionar e conhecer as estruturas biográficas que tecem sua vida. O essencial não foram os milagres, senão o amor que refletem.

Com grandes traços esboçaremos sua vida, porém nos deteremos em alguns de seus detalhes mais característicos e seguiremos sumariamente as etapas mais decisivas de sua existência. Nos aproximaremos dela, vista como esposa e mãe, como instrumento da misericórdia de Deus, como penitente franciscana e fundadora, como santa. Sob todos estes aspectos Isabel é uma figura excepcional.

2.2. Quem foi Isabel? Uma princesa da Hungria que nasceu em 1207, filha do rei André II e de Gertrudes de Andechs-Merano. Não sabemos ao certo o lugar, nem o dia e o mês de seu nascimento; somente o ano com certeza. Segundo a tradição húngara e o parecer geral de muitos historiadores o lugar de seu nascimento foi no castelo de Sarospatak, um dos preferidos pela família real, ao



norte da Hungria. Outros, com menor solidez, assinalam Petersburgo, atualmente capital da Eslováquia com o nome de Bratislava. Como data de nascimento, a tradição indica o dia 07 de julho.

Neste ano Francisco estava em busca de uma nova identidade. Já havia dado um novo rosto à sua existência e havia se comprometido com a loucura de viver a penitência e ensiná-la em meio ao povo.

Entre os antepassados de Isabel, tanto por via paterna como materna, se encontram vários santos e santas, e eminentes prelados.

Seguindo os costumes vigentes entre a nobreza medieval, Isabel foi prometida como esposa a um príncipe alemão da Turíngia. Aos quatro anos (1211), a princesa menina empreendeu o caminho até sua nova pátria rodeada de toda classe de presentes preparados por sua mãe. A entrega da princesinha à delegação germânica teve lugar em Petersburgo, na época o lugar forte mais ocidental do reino da Hungria. Esta fortaleza foi, portanto, somente lugar de passagem e descanso durante a viagem até a Turíngia.

Foi educada na corte da Turíngia, juntos aos outros filhos da família do conde e junto ao que seria seu esposo, como se costumava então. Casou-se aos quatorze anos com Luís IV, Landgrave o grande Conde da Turíngia. Teve três filhos. Ficou viúva aos vinte anos. Morreu aos 24, em 1231. Foi canonizada por Gregório IX em 1235. Um recorde de vida densa e crucificada para escalar a santidade mais elevada e ser proposta como exemplo que não perece, de abnegação e entrega.

Há um mal-entendido arraigado entre o povo cristão, devido às biografias populares e pouco rigorosas que sustentam que Isabel foi rainha da Hungria. Pois bem, jamais foi rainha nem da Hungria, nem da Turíngia, e sim Princesa da Hungria e *grande Condessa ou Landgravina* da Turíngia, na Alemanha. Tradicionalmente se representa Isabel com uma coroa, não como rainha, mais sim como Princesa ou grande Condessa que também a usava.

3. Esposa e mãe

3.1. As companheiras e serviçais de Isabel nos descrevem como sua peregrinação até Deus começou em sua terna infância (L): seus jogos, suas ilusões, suas orações aparecem desde seus primeiros anos até mais além. Durante as etapas de sua vida se manifesta um caminho de ascese, de renúncia e purificação como se urgisse o crescimento até uma identidade evangélica. Passos decididos de desprendimento interior e exterior marcam sua curta vida até chegar ao despojamento total como Cristo na cruz; até alcançar a união de coração com o Crucificado, presente também nos pobres e pequenos.

Como podemos descrever concretamente seu caminho de elevação e purificação? Em traços gerais, vemos que fez realidade o programa de vida proposto por Jesus no Evangelho: “Aquele que pretende guardar sua vida, a perderá; mas quem a perder por amor a mim e ao Evangelho, a salvará” (Lc 17, 33; Mc 8,35). “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34-35). A culminação de sua vida consistiu em gastá-la, dissipá-la totalmente, esquecendo-se de si, crucificando-se fazendo o bem aos demais. Seus olhares estavam fixos em Deus-Amor, de quem vinha toda a luz que irradiava seu rosto e a refletia aos infelizes.

3.2. Desde 1221 até 1227, Isabel foi exemplar esposa, mãe e *Landgravina ou Grande Condessa* da Turíngia, uma das mulheres da mais alta estirpe do império. A posição privilegiada de Isabel lhe vinha tanto de sua condição de filha de reis, como de ser esposa de um príncipe eleitor germânico, o Landgrave Luís IV da Turíngia.

O casamento teve lugar na igreja de São Jorge de Eisenach. Ela tinha então 14 anos. Havia sido educada pela Princesa Sofia, mãe de Luís, como um membro a mais da família. Ambos, Luís e Isabel cresceram juntos e viviam como irmãos; assim, o tratamento comum entre eles era de “querido irmão”, “querida irmã”.

As relações matrimoniais entre eles não eram como o estilo comum da época, normalmente marcadas por razões políticas ou de conveniência, mas sim de um afeto autêntico, fraterno e conjugal. Ambos partilhavam os mesmos ideais de vivência da fé. Ela gostava de adornar-se para seu esposo quando este vinha de viagem distante.

Nas fontes aparecem uma série de detalhes que demonstram que seu matrimônio não foi uma imposição aceita por obediência, e sim que correspondia a uma condição vivida e partilhada plenamente dentro de uma visão cristã da santidade matrimonial. Aqui temos uma das notas da santidade de Isabel. O matrimônio não era então contemplado na Igreja como um caminho para a santidade, como eram a virgindade, o martírio ou a vida monacal. Da bula de canonização se destaca, contudo, que o Papa o considerou como um dos elementos que conferiam uma novidade à santidade de Isabel.

Em seu matrimônio brilham a perfeita sintonia entre ambos, o afeto, o respeito e a aceitação mútua e total. As fontes primitivas destacam a compreensão de Luís até a inclinação devota e caritativa de sua esposa. Partilhava seus mesmos ideais religiosos e misericordiosos. Porém, era um soldado do Império, senhor e juiz em seu palácio e em seus domínios. Depois de sua morte (1227), foi venerado como santo por sua gente.

3.3. Já casada, Isabel dedicava muito tempo à oração até altas horas da noite, mesmo no quarto matrimonial. Sabia que se devia a Luís totalmente, porém havia ouvido já o convite de “outro esposo” que a havia convidado, “segue-me”. Deste amor com duas vertentes emanava, sem dúvida, um profundo gozo e plena satisfação, não o conflito de uma cisão interior. Agora diríamos que Luís foi para ela o terno amor terreno, sensível, imediato de sua vida; porém, um amor contemplado dentro do grande contexto existencial de uma vida e um mundo regido por Deus. Sobre todas as circunstâncias humanas, contava o amor de Deus, o Bem absoluto, todo o Bem, o sumo Bem. Deus era o valor supremo e incondicional que alentava todos os outros amores ao esposo, aos filhos, aos pobres.

O milagre das rosas que conta sua legenda, não expressa bem estas relações matrimoniais. Quando Isabel se viu surpreendida por seu esposo carregando pães em sua saia, não tinha motivo algum para esconder seus propósitos misericordiosos ao marido. Ele a apoiava sempre em seus excessos caritativos, como se manifestou durante a fome que houve em 1226, quando esvaziou os celeiros pertencentes ao conde na ausência do esposo; ao voltar este e receber queixas de seus súditos, aprovou incondicionalmente o comportamento de sua esposa. Não tinha razão de ser, portanto, que aqueles pães se convertessem em rosas. Deus não faz milagres inúteis. Porém, desde cedo, seus gestos misericordiosos caíam como rosas nas mãos dos famintos ou nas chagas dos



afritos. As rosas se converteram em um dos atributos gráficos da iconografia desta santa singular.

3.4. Aos 15 anos Isabel já teve seu primeiro filho, Germano, o herdeiro de trono. Seguiram-no duas filhas, Sofia e Gertrudes; esta última nasceu quando já havia morrido seu esposo (1227). Ela contava então, somente 20 anos.

Quando morreu seu marido, morreu também a princesa e se acentuou a irmã penitente. Sua vida mudou radicalmente. Foi expulsa do castelo por seu cunhado Enrique Raspe e ela o abandonou livremente, para fazer realidade seus ideais de renúncia e pobreza evangélicas. Discute-se entre os biógrafos se foi expulso ou se simplesmente partiu. Então deixou de ser a grande condessa e começou a época decisiva de sua vida em seu caminho de imersão em Deus e de conversão em uma pobre a mais entre os pobres e necessitados. Pode realizar em parte o ideal de pobreza e misericórdia, aprendido de Francisco, que guardava em seu coração. Desceu ao vale, aos seus e os seus não a receberam. Sua resposta à solidão e ao abandono foi o canto de agradecimento que pediu para cantar na capela dos Franciscanos, o *Te Deum*.

4. Isabel, penitente franciscana

4.1. Isabel da Hungria é a figura feminina que mais genuinamente encarna o espírito penitencial de Francisco. Discutiu-se se foi ou não terceira franciscana. Há que se ressaltar que na época de Isabel não se usava o termo *terciária*. Tão pouco existia na Igreja uma categoria oficial de religiosas penitentes franciscanas de vida comunitária. Talvez por isto não tenham em conta o que era verdadeiramente a ordem medieval da penitência reanimada por São Francisco; há historiadores que, sem fundamento, negam globalmente seu franciscanismo. Tão pouco, têm em conta que Isabel foi pioneira na criação de um estilo de vida comunitária e penitente dedicada à misericórdia, que ao longo dos séculos constituiu um dos pilares do carisma da Ordem Terceira Franciscana. Porém, no tempo da morte e canonização desta santa, já havia em muitos países da Europa numerosos penitentes guiados pelos frades menores e por outros sacerdotes.

4.2. A primeira tentativa dos irmãos menores de penetrar na Alemanha em 1219 fracassou por falta de preparação. Poucos anos depois, em setembro de 1221, vinte e cinco deles voltaram a tentá-lo sob orientação do irmão alemão, Cesário de Espira, de forma mais planejada. Em 1225, as fundações franciscanas em solo alemão já eram 18. Não se tratava de grandes igrejas com conventos, mas sim de humildes centros familiares de pregação. Neste ano chegaram também a Eisenach, a capital da Turíngia, em cujo castelo de Wartburgo residia a corte do gran ducado, presidida por Luís e Isabel.

Jordano de Jano, que acompanhou esta expedição, em sua crônica das fundações, disse que entrou na Ordem “um leigo chamado Rogério, o qual depois chegou a ser diretor espiritual de Santa Isabel e lhe ensinou a guardar a castidade, a humildade e a paciência; a permanecer em oração e dedicar-se assiduamente às obras de misericórdia”. Se Jordano nos diz que Rogério era um leigo quando foi admitido, não significa que depois não foi ordenado sacerdote e chegara a ser também confessor de Isabel. O mesmo Frei Jordano entrou como leigo e foi ordenado sacerdote em 1223.

A pregação dos frades menores entre o povo era a vida de penitência, quer dizer, o abandono da vida mundana, a prática da oração e da mortificação, o exercício das obras de misericórdia. Tal foi o ensinamento que ofereceu Rogério a Isabel, o que haviam aprendido de Francisco de Assis, testemunhada por Jordano, que calou em sua alma já voltada para os valores do espírito. Recordemos que em 1225 ela tinha 18 anos e estava casada.

4.3. A Fontes Franciscanas nos contam como Francisco optou pela vida de penitência que consistia em uma vivência intensa e comprometida da fé. Entrava-se no estado penitencial com um propósito ou renúncia formal do mundo, como fez o mesmo Francisco que sempre recusou ser monge. O outro gesto significativo era a tomada do hábito penitencial. Propôs-se a seguir decididamente Jesus que, sendo Deus, não fez alarde de sua condição divina, mas se fez pobre e se abaixou fazendo-se um entre nós (Fil. 2, 6-7). Francisco demonstrou que a santidade podia florescer no meio do povo, se si abandonavam os interesses mundanos. Deixou claro que a santidade não era patrimônio dos monges, nem anacoretas¹. A primeira regra dos penitentes, o *Memoriale propositi*, foi sancionada em 1221, o ano do casamento de Isabel.

Esta santa viveu na própria carne esta entrega de Deus na humanidade de Jesus Cristo. Também ela deixou seu trono, identificou-se com os excluídos da sociedade e se uniu a eles fazendo-se uma entre tantos. Já havia demonstrado que também nos palácios e castelos se podia viver a fé em Cristo sob o senhorio de Deus Pai; porém logo o fez no abandono e na pobreza, na alegria e no sofrimento.

4.4. Toda uma série de testemunhos convergentes nos fala de seu franciscanismo. Negá-lo é violentar os textos e as referências de sua vida, e ignorar a instituição penitencial promovida por Francisco. Os frades menores a guiaram a esta vida de penitência e através deles conheceu a personalidade de Francisco. Se os Franciscanos não a guiaram até a *penitência*, quem a guiou? Os que queriam ver nela uma “semirreligiosa” comprometida com a Ordem cisterciense não apresentam nenhum testemunho convincente.

Com certeza, os testemunhos de seu franciscanismo, que aparecem nas primeiras fontes de sua vida, são inegáveis. Não podemos entender a vida de Isabel à margem deste aspecto fundamental. Apresentemos alguns destes créditos, não todos, mas os mais significativos:

- Frei Rogério foi seu guia espiritual quando os Franciscanos se estabeleceram em Eisenach.

- Conrado de Marburgo, o sacerdote que, depois do encontro com frei Rogério, foi seu diretor espiritual e confessor, em sua carta ao Papa, chamada também *Summa vite*, testemunha que Isabel cedeu aos frades franciscanos uma capela em Eisenach.

- Também tecia lã para os hábitos dos frades menores e para os pobres. Uma pergunta: Este era o comportamento consequente dos ensinamentos de Francisco que, em seu testamento, instigava aos seus irmãos a viver de seu trabalho manual ou, em casos de necessidade, recorrer à mendicância?

- Quando deixou seu castelo, só e abandonada, recorreu aos Franciscanos para que cantassem um *Te Deum* em ação de graças a Deus.

¹ Penitente que vive na solidão, em vida contemplativa.



- O mestre Conrado declarou que em uma Sexta-feira Santa, em 24 de março de 1228, fez profissão pública na capela franciscana. Neste ato solene estavam presentes os frades, os parentes (suas criadas) e seus filhos. Diante de todos eles, por própria vontade, pondo as mãos sobre o altar desnudo, renunciou às pompas do mundo. Assumiu o hábito cinza de penitente como sinal externo; esta era a cor que vestiam os frades e penitentes da época.

- As quatro criadas interrogadas no processo de canonização, também tomaram este hábito cinza. Conrado alude a esta “túnica vil” com a qual Isabel quis ser sepultada. Para ela, esta túnica constituía um sinal de capital importância; expressava a profissão religiosa que lhe havia conferido sua nova identidade.

- O hospital que fundou em Marburgo (1229), colocou-o sob a proteção de São Francisco, canonizado nove meses antes.

- O autor anônimo cisterciense de Zwettl (1236), afirma que, “vestiu o hábito cinza dos frades Menores”. Esta cor cinza, que vestiam os Franciscanos, há de se entender em sentido muito genérico, com uma ampla gama de tons que pode resultar em mesclas de lã natural branca e negra. Neste sentido apontam as referências históricas desse tempo. Os que sustentam que foi penitente cisterciense não tiveram em conta esta citação.

- O empenho demonstrado por Isabel em viver a pobreza, desfazer de tudo e dedicar-se à mendicância, não são as exigências de Francisco a seus seguidores?

4.5. Nas fontes biográficas encontramos duas profissões de Isabel e duas maneiras de professar, então usada: na primeira, ainda vivia seu esposo, pos suas mãos nas do superior (Conrado) que recebeu seu voto; na segunda, mais solene e de maior compromisso, colocou as mãos sobre o altar. Também podia fazer depositando uma declaração escrita sobre ele.

Ante todos estes testemunhos, seríamos contrários aos textos se não admitíssemos que Isabel foi guiada pelo frades menores, mostrou confiança e simpatia por eles, deles conheceu a personalidade de Francisco e a vida penitente que ensinou. Se foi religiosa, como o Papa assegurou e explicaremos, de que Ordem fez parte?

Depois da morte de seu marido, poderia ter entrado em um mosteiro, como fez sua sogra Sofia, e converter-se em uma abadessa, como sua tia Mechtilda. Assim faziam muitas nobres damas de seu tempo quando enviuvavam. Porém, o recusou. A sua vida não era monacal, como tão pouco o foi para Francisco. Queria permanecer no meio do povo sem ser do povo, estar próxima dos que sofriam até identificar-se com eles.

4.6. A Família Franciscana nunca teve dúvidas sobre o franciscanismo desta santa. Desde o século XIII sustentou que é um de seus membros mais eminentes. Porém, é a Terceira Ordem Franciscana, a Regular e a Secular, que a honram como padroeira e sempre a incluíram como a singular pioneira no exercício de seu carisma: conversão evangélica e obras de misericórdia.

Esta tradição vem confirmada pela iconografia, a literatura, a devoção de todos os Franciscanos, os elencos de santos franciscanos... Seria prolixo e até impossível apresentar aqui uma síntese destes testemunhos. Para isso se pode recorrer à abundante literatura especializada.

Também numerosos autores e artistas não franciscanos a apresentam como franciscana. Por exemplo, o autor anônimo cisterciense, mencionado antes, que

compôs a primeira vida de santa Isabel já em 1236, um ano depois de sua canonização; disse que “vestiu o hábito cinza dos frades menores”. Podemos nos perguntar novamente, que religião franciscana, sem mosteiros, foi a que assumiu então Isabel senão a de penitência pregada por Francisco e seus frades?

5. Fundadora de uma comunidade religiosa

5.1. Juntamente com os Franciscanos ou depois deles, Conrado de Marburgo foi seu confessor e diretor espiritual. Era um pregador pobre e austero, sacerdote secular ou talvez cisterciense. O Papa o nomeou *visitador* dos mosteiros da Alemanha, pregador da cruzada e, posteriormente, inquisidor geral. Luís, esposo de Isabel, lhe confiou o cuidado de sua família em sua ausência (1226), quando Isabel o havia aceitado expressamente, por própria vontade, como guia e confessor precisamente porque era pobre (L). Isabel lhe prometeu obediência e foi fiel a suas instruções, interpretando-as à sua maneira, conforme lhe inspirava o Senhor.

Sob sua orientação, Isabel levou vida penitencial no castelo de Wartburgo. Seguiu espontânea e livremente as pegadas de Francisco, dedicada à oração, a renúncias austeras e ao serviço dos humildes e desamparados. Ainda que houvesse aprendido este estilo de vida dos Franciscanos, a primeira profissão de penitente a fez nas mãos de Conrado, porém não a fez só.

Poderia ser uma penitente solitária, porém não foi assim. Também ela, como Francisco, teve companheiras com quem partilhou seu primeiro projeto de vida penitente. Suas donzelas Guda, Isentrudes e a criada Isabel prometeram também obediência ao mestre Conrado, o celibato e não usar dos bens adquiridos injustamente. Formaram assim com ela uma fraternidade penitencial no castelo de Marburgo. Conrado veio a ser o *visitador* daquela pequena fraternidade, como prescrevia a regra antiga, o *Memoriale*. Este regulamento organizava a ordem penitencial em fraternidades colocadas sob a jurisdição do bispo e os visitadores que este designava. Os visitadores não tinham que ser necessariamente franciscanos. São Francisco na regra não bulada (1221) ordena que “nenhuma mulher em absoluto seja recebida à obediência por algum irmão, a não ser que, uma vez aconselhada espiritualmente faça penitência onde queira” (cap. XII). Assim entendemos bem porque a profissão de penitente de Isabel foi nas mãos de Conrado.

Era uma pequena fraternidade de oração e vida ascética sob orientação do seu superior-visitador, Conrado. Isabel lhes indicava o que podiam comer ou beber, depois de haver revisado a procedência dos alimentos, fiéis às ordens do mestre (L). Depois da morte de seu esposo, elas a acompanharam em seu desterro do castelo até o reino dos pobres. Nas horas amargas de solidão e abandono sustentaram o ânimo da princesa mendiga e foram animadas por ela a cumprir a vontade do Senhor.

5.2. Com sua segunda profissão pública de penitente, a Sexta-feira Santa de 1228, se consolidou esta fraternidade em uma comunidade de irmãs que professaram como ela, vestiram como ela e se empenharam no mesmo propósito de espalhar a misericórdia de Deus. Tratava-se de uma vida religiosa plena, para mulheres professoras, sem clausura restrita e dedicadas a um trabalho social: serviço aos pobres, marginalizados, enfermos, peregrinos, de educação e ensinamentos aos filhos dos pobres...



As alusões a uma comunidade religiosa contidas no *Libellus* são muitas e claras. Se formos justos nas deduções, temos de reconhecer que fundou uma congregação feminina penitente. Não esqueçamos que os penitentes eram pessoas consagradas, como se deduz das bulas de Gregório IX e antecessores; não eram simples seculares nem “semirreligiosas”, como às vezes escrevem os que desconhecem o tema da ordem da penitência.

Porém, a aprovação canônica de um tal estilo de vida comunitária, sem clausura estrita, teve que esperar séculos. As instituições religiosas femininas dedicadas ao cuidado de enfermos e necessitados, ao ensino e educação da infância e juventude, e tantas obras de misericórdia, não foram reconhecidas pela Igreja até depois de superar o conceito de clausura papal rigorosa decretada pelo Concílio de Trento para todas as monjas e religiosas professas.

5.3. O Papa Gregório IX, na bula de canonização, afirma que Isabel vestiu o hábito de religiosa: “*religionis habitum induit*”.

As quatro criadas e companheiras religiosas, que declararam no processo de canonização, foram Guda, Isentrudes, Isabel e Irmingarda, as que viveram mais tempo em sua companhia, porém, aparecem ao menos, mais duas. Delas se afirma expressamente que eram religiosas e como tais eram reconhecidas. As quatro se referem ao hábito recebido, o da penitência. Com ela levavam vida religiosa em comum: comiam e trabalhavam juntas, saíam juntas para visitar as casas dos pobres e lhes mandava levar alimentos para repartir com os necessitados. Ao regressar, as instava a orar. O trato com suas servas era muito carinhoso; tratava com elas como com amigas queridas e lhes ordenou que a tratassem familiarmente de tu, ainda que fosse a senhora.

Guda, a amiga de infância, recebeu o hábito como Isabel. Isentrudes a havia acompanhado durante cinco anos, ainda em vida do marido. É a que demonstra que conhece mais profundamente os pormenores de sua interioridade: sua intensa oração e piedade, seus costumes moderados na comida e bebida, as disciplinas, seu gozo infantil, o trabalho manual de tecer as túnicas dos frades menores e indigentes, a assistência aos leprosos, desvalidos e crianças, as admoestações a padres, o trato rigoroso de seu diretor espiritual, Conrado de Marburgo, seus açoites e empenho em “romper sua vontade” ...

A criada Isabel confessa que tomou também o hábito desta comunidade religiosa e nos dá um detalhe precioso: A Santa preparava a comida para os pobres junto com suas servas, “dedicadas a Deus e com hábito cinza”. A expressão latina que no texto se aplica às servas é, “*Deo devotis*”; expressa claramente sua profissão religiosa na vida penitencial, como se fazia na literatura da época.

Irmingarda “religiosa vestida com hábito cinza”, nos recorda o carinho que sentia Isabel, como Francisco, pelos leprosos, os humilhados, os excluídos da sociedade. E conta como, morto seu marido, o cunhado não lhe permitiu dispor de seus bens. Certamente, Isabel poderia participar como mais um pobre das esmolas que se repartiam nas cúrias principescas, porém ela o recusou e preferiu sustentar-se com o trabalho de suas mãos ou com a mendicância: “*elegit abiecta esse et opere manuum eius velud questionaria cibum acquirere*” (L). Não era este o conselho de Francisco, de trabalhar e mendigar?

Hildegundes é outra religiosa, porém não foi chamada a declarar. É a donzela que, por um erro de Isabel, recebeu umas tesouradas em seu formoso cabelo. Na partilha de alimentos e esmolas, Isabel não queria que um mesmo pobre recebesse

esmola duas vezes em detrimento dos demais. Para evitá-lo ameaçou cortar o cabelo dos infratores. Hildegundes foi acusada falsamente e Isabel mandou cortar-lhe sua chamativa cabeleira. Quando, admitida sua inocência, a chamou para consolá-la, a convidou a seguir uma *vida melhor* e entrar no serviço do hospital “tomando o hábito religioso”.

5.4. Conrado de Marburgo confessa, em sua carta ao Papa o “*Summa vite*”, que separou Isabel de suas companheiras mais queridas e a deixou somente em companhia de uma religiosa plebeia e uma velha nobre surda e austera, para que se exercitasse na humildade e na paciência. Ainda que confesse que o fez para que progredisse na virtude, como ela desejava, os historiadores viram nele uns sinais de sadismo do mestre. Porém, tendo em conta que Conrado havia sido visitador de mosteiros e exercia a função de visitador daquela comunidade, esta suposta separação das companheiras religiosas, não poderia interpretar-se como uma medida para desfazer aquela congregação incipiente que não cumpria com a legalidade canônica? Assim, antes que lhe atribuir a crueldade de mestre seria mais plausível pensar no zelo pela lei, do que se vangloriou o tutor de Isabel em toda sua atuação.

5.5. Se Isabel era *religiosa*, como confirmava o pontífice claramente em sua bula, se suas companheiras haviam professado como ela e vestiam seu mesmo hábito, temos de perguntar, qual era aquela religião ou ordem que haviam abraçado? A resposta salta à vista: somente podiam ser membros da Ordem da penitência, chamada depois Terceira Ordem Franciscana, a que pregavam e espalhavam os frades menores.

A regra dos penitentes, o *Memoriale propositi*, não contemplava a instituição penitencial como uma ordem hierárquica, com superiores próprios, mas como uma entidade formada por fraternidades diocesanas. Não incluía, portanto, nenhuma conotação monástica nem de vida comum em conventos. Estava destinada a regular a vida consagrada no mundo. Porém, os penitentes que assumiam tal regra e hábito eram religiosos, *Deo devoti*, comprometidos com o serviço de Deus. Não eram simples seculares, ainda que seguissem vivendo no mundo, eram pessoas consagradas. Levavam uma vida de piedade e renúncia. Muitos deles se dedicavam a difundir a misericórdia de Deus entre os excluídos, como o fez santa Isabel. Para descrever sua vida e entender a Ordem da penitência, temos de ler a carta de Francisco a *todos os fiéis penitentes* nesta perspectiva.

Isabel acrescentou a todas as exigências da regra, a vida em comunidade com suas servas para tornar mais efetiva a misericórdia e a oração. Isabel não foi a única que socializou a vida penitencial franciscana, porém é a mais significativa das fundadoras, a que levou o exercício da caridade a extremos indiscutivelmente. Foi pioneira sem sabê-lo. Sem reticências podemos concluir que Isabel foi uma religiosa professa penitente ao estilo de Francisco. Viveu intensamente à maneira da espiritualidade penitencial franciscana e fundou uma comunidade consagrada ao serviço de Deus e dos necessitados.

5.6. Durante séculos, a vida penitencial franciscana foi mal interpretada quando foi apresentada como uma instituição destinada a seculares e casados. Com o Direito Canônico atual podemos entender melhor a vida daqueles penitentes, como vida consagrada no mundo.



Pois bem, muitos destes penitentes buscaram, ao longo dos séculos, uma vida religiosa mais comprometida em eremitérios ou na vida comunitária, como fizera o mesmo Francisco inicialmente. Entre estes penitentes, santa Isabel ocupa um lugar eminente. Porém houve outras mulheres que percorreram um caminho semelhante. Mencionemos a Rosa de Viterbo (1235-1253), Margarida de Cortona (1247-1297) e Ângela de Foligno (1248-1309), entre outras, que agruparam igualmente pequenas comunidades de companheiras sob a regra da penitência franciscana para fazer misericórdia.

Tais congregações não foram aprovadas pela Igreja, porque as comunidades femininas religiosas de vida ativa não eram contempladas no Direito Canônico. Deste maior compromisso evangélico dos penitentes, depois chamados Terciários, surgiu em diferentes épocas e lugares a Terceira Ordem Regular.

Se certos historiadores duvidam do franciscanismo de Isabel, pode ser devido ao desconhecimento da Ordem da penitência franciscana em suas origens. O *Memoriale* estava certamente dedicado “aos que viviam em suas casas”, porém já existiam aqueles que se haviam retirado a lugares afastados para a oração e renúncia. Outros formaram comunidades para viver mais intensamente sua consagração. Aí está o exemplo de Santa Isabel.

5.7. A pergunta que temos de nos fazer é: Se Gregório IX declara que Isabel era religiosa por que não disse de que religião fazia parte ou porque não aprovou a fraternidade fundada por ela? A Igreja não contemplava então que as mulheres professas como penitentes vivessem em comunidade sem clausura papal, dedicadas a uma obra apostólica. Todas as comunidades que surgiram então, foram conduzidas à vida monástica. Os estados da mulher, o natural e o canônico, era o matrimônio ou o mosteiro fechado. A vida religiosa plena fora de um mosteiro e o apostolado público de uma vida em comunidade não era reconhecida para mulheres. Pior ainda, a mulher não ligada em matrimônio ou não fechada em um mosteiro se via como um perigo para os homens. Era vista como a herdeira de Eva que seduziu Adão.

Por este tempo, encontramos outra seguidora de Francisco, Clara de Assis, que teve a sorte de tratar pessoalmente com ele e deixar-se atrair por sua mensagem. Depois de anos de incertezas e buscas, sua comunidade, inicialmente penitencial, encontrou o seguimento de Cristo através da oração e da contemplação na vida monacal enclausurada. Clara optou pelo ofício de Maria de Betânia e ficou assim fechada entre os muros de São Damião, sem ter a oportunidade de traduzir em obras o mesmo estilo de vida apostólica que levavam Francisco e seus companheiros, nem desenvolvê-la numa atividade benéfica como Isabel. A vida monacal era a única forma canônica admitida pela Igreja para as comunidades religiosas de mulheres.

Isabel, portanto, soube coordenar ambas as atividades, a de intimidade com Deus, como Maria, porém também a do serviço ativo aos pobres como Marta a Jesus. Se sua opção existencial foi a de consagração a Deus e a caridade ativa entre os necessitados, não temos outro nome para defini-la como o que usou o Papa: “religiosa”.

Sabemos que o Cardeal Hugolino, futuro Papa Gregório IX, interveio na vida monacal de muitas comunidades femininas, entre elas também as Clarissas. Teria que saber muito bem que Isabel não havia sido monja de clausura e que sua comunidade religiosa não se encaixava nas pautas canônicas de então. O fato de

aprovar uma instituição, como a de Isabel, exigia umas mudanças radicais na concepção que se tinha da mulher no Direito Canônico e como membro da Igreja. E estas mudanças chegaram até séculos mais tarde.

Não é de estranhar, pois, que a filha de Isabel, Gertrudes, não seguira os passos na congregação fundada por sua mãe, porque não era canônica nem havia sido aprovada. Porém chegou a ser abadessa em um mosteiro premonstratense e também proclamada santa.

Nos tempos de Isabel, o bispo belga, Jacobo de Vitry, tentou a aprovação de um regulamento para mulheres piedosas, com certa vida comunitária: eram as beguinhas ou beatas. Criar novas regras estava proibido pelo Concílio Lateranense IV (1215). Portanto, estas comunidades de beatas se concebiam na Bélgica como conjuntos de moradias particulares com algumas dependências comuns e estavam cercadas por fortes muros; portanto, também, de certa forma, com clausura.

5.8. O Concílio de Trento, na segunda metade do século XVI, reafirmou a clausura total para todos os mosteiros de mulheres professoras. Em tempos posteriores foi reconhecida canonicamente a criatividade de Isabel e de tantas outras santas mulheres, empenhadas em fazer presente com seu coração, suas mãos e sua palavra a misericórdia do Pai em ambientes necessitados.

Hoje em dia as congregações femininas da TOR são umas 400 com cerca de cem mil religiosas professoras que seguem as pegadas de Isabel e podem chamar-se suas herdeiras. Elas não têm limitado o exercício da misericórdia por muros monásticos intransponíveis. Tão pouco falta às seguidoras de Isabel na vida contemplativa, a outra faceta distinta desta santa. Não em vão, santa Isabel foi proclamada padroeira de toda a Terceira Ordem Franciscana Regular e Secular, com todo o seu vasto carisma contemplativo e misericordioso.

6. Princesa e penitente misericordiosa

6.1. O aspecto mais destacado na vida de Isabel foi sempre sua misericórdia, como já mencionamos. Nos vitrais monumentais de sua basílica em Marburgo (Alemanha) vem representada exercendo obras de misericórdia. Marburgo é a cidade de sua viuvez onde exerceu sua misericórdia com plenitude e morreu. A misericórdia configura também o carisma de toda a Terceira Ordem Franciscana ao longo de sua história. Não se pode entender nem a Santa Isabel nem a Ordem Franciscana da penitência sem o *servitium caritatis*.

Bento XVI nos recordou que o amor já não é somente um “mandamento”, e sim a resposta ao dom do amor, com o qual Deus nos vem ao encontro. O *serviço do amor* é fundamental na Igreja e em toda a vida que se aprecie de ser evangélica. “Sempre haverá sofrimento que necessite consolo e ajuda. Sempre haverá solidão. Sempre ocorrerão situações de necessidade material onde é indispensável uma ajuda que demonstre um amor concreto ao próximo” (CDC 28b).

A breve vida de Isabel está repleta do serviço amoroso, de alegria e de sofrimento. O clamor dos pobres, dos enfermos, dos marginalizados subia até o castelo de Wartburgo e ressoava cada vez com mais força em seu coração, quando era a grande condessa. O ambiente que respirava na corte era de invejas e ambições; de guerras e conquistas; de luxo e dissipação. Sua prodigalidade e trato com os indigentes provocavam escândalos; não encaixava em seu meio. Muitos vassallos a tinham como uma louca. Aqui encontrou uma de suas grandes cruzes:



crucificada entre a sociedade a que pertencia e a daqueles que desconheciam a misericórdia.

Exercendo a plenitude de seu poder, quando era, todavia, grande condessa, em ausência de seu marido – como indicamos antes –, teve que afrontar as calamidades de uma carestia geral que assolou o país. Não duvidou em esvaziar os celeiros do condado e das posses de seu esposo para socorrer aos necessitados. Vendeu vestidos e joias; forneceu ferramentas aos que podiam trabalhar. Demonstrou que também entendia de economia e sabia que era melhor uma vara de pescar na mão, que um pescado. De volta a casa, seu marido não a repreendeu, porque conhecia o coração de sua esposa e compartilhava os mesmos ideais.

6.2. Isabel não era dos que repartem responsabilidades com os demais para livrar-se delas. Servia pessoalmente aos abatidos, aos pobres e enfermos tanto no hospital como fora. Ela mesma se sujava as mãos. Sua caridade era de atos, não de palavras. Nós a contemplamos como dominada por uma força superior, pela imperiosa necessidade de amar, de dar-se, de espalhar o bem.

Sua entrega aos necessitados aparece como um gesto natural, sem esforço, porém não foi assim. Custou-lhe horrores familiarizar-se com a miséria e com as chagas da sociedade; penetrar nos casebres malcheirosos; lavar e enfaixar as feridas; cuidar de crianças abandonadas... Tratou leprosos, a escória da sociedade, como Francisco. Conrado ingenuamente confessa que não sabe de onde aprendeu a arte de curar. Talvez jamais tenha entendido que o coração é o grande mestre da vida. Dia a dia, hora a hora, pobre a pobre, viveu e gastou a misericórdia de Deus no rio de dor e miséria que a envolvia.

Nos sedentos, famintos, enfermos, leprosos e desventurados, Isabel descobriu a Cristo (Mt. 25,40). O enfermo concreto que atendia era Cristo para ela. Este lhe deu força para vencer sua repugnância natural, tanto que chegou até a beijar as feridas purulentas. O descobrimento de Cristo presente no pobre, o celebra o “legendário milagre” do desvalido escondido na cama matrimonial. Quando seu marido tirou a coberta, apareceu convertido na imagem de Cristo. Quem não recorda que Francisco assinala em seu testamento como o ponto de sua conversão radical de vida até a vida penitencial foi o abraço que deu no leproso?

6.3. Na hora de morrer, declarou expressamente que tudo o que ele tinha pertencia aos pobres, exceto o hábito de penitência com o qual queria ser sepultada. Sem posses, sem propriedades, sem bagagem, saiu ao encontro do Senhor.

Contudo, Isabel usou não só do amor, mas também da inteligência em sua obra assistencial. Sabia que a caridade institucionalizada é mais efetiva e duradoura. Quando seu marido ainda vivia, erigiu um hospital em Eisenach e logo, em Marburgo, a obra predileta de sua viuvez. Sabia que as pessoas são o fator decisivo para seu bom funcionamento e para ele fundou uma fraternidade religiosa com suas amigas e criadas que o atendiam. Já o vimos antes.

Aludimos também a seu trabalho; fazia-o com suas próprias mãos, na cozinha, preparando a comida; no serviço aos indigentes hospitalizados; lavava os pratos e afastava as servas, quase todas de baixa estirpe, quando estas a queriam impedir. Aprender a tecer lã, como também a coser vestidos. Oferecia no altar o dinheiro que ganhava com seu trabalho manual. O Conde Pavia, emissário de seu pai, que

queria levá-la para a Hungria, depois da morte de seu marido, declarou: “Nunca se viu uma filha de rei tecendo lã”.

7. Isabel contemplativa e santa

7.1. A santidade aparece na história da Igreja como uma loucura, a loucura da cruz, da que nos fala São Paulo. E a de Isabel é uma autêntica loucura. Uma loucura que seus cortesãos entenderam como uma provocação, mas que os humildes desfrutaram e admiraram. Quais são as características da santidade de Isabel? Qual a fonte de onde emana? Somente podemos oferecer algumas indicações para estimular a reflexão particular na celebração deste ano de aniversário.

Na vida de Isabel brilha com singular esplendor a supremacia da caridade. Precisamente a caridade constitui o centro da santidade e do Evangelho. Sua pessoa é um canto ao amor, plasmado em serviço e abnegação, voltado a semear o bem. Porém, este amor tem uma dimensão vertical, está alimentado pelo outro amor, o amor de Deus e que se eleva a Ele. Como um dia explicou Jesus, trata-se de um único amor que abrasa a alma de Isabel em suas duas vertentes. No final, o exame final da vida será sobre o amor. Esta é a nota suprema de sua santidade.

7.2. Meditando em nossas considerações, se analisarmos as declarações dos testemunhos imediatos, de suas servas e companheiras, vemos que Isabel se propôs a viver o Evangelho simplesmente, sem questionar como diria Francisco, em todos os aspectos, espiritual e material. Ela não deixou nada escrito, porém numerosas passagens de sua vida só se podem entender partindo de uma compreensão literal do Evangelho. Transportou para sua vida os ensinamentos de Jesus até as últimas consequências:

- Se queres ser perfeito, vá, venda tudo o que possui; dê o dinheiro aos pobres e siga-me (Mt 19,21). Não era isto que fizeram Francisco e seus primeiros companheiros? Não era socorrer e dar aos necessitados a obsessão de Isabel?

- O que ama a seu pai, mãe e filhos (família) mais que a mim, não pode ser digno de mim (Mt 10, 37). E ela se desprendeu até de seus filhos, para dar um amor sem reserva aos infelizes.

- Ao que te tirar a capa, entrega-lhe também a túnica (Mt 5, 41). Não foi usurpada por seus familiares? Não renunciou a toda posse em favor dos demais?

- Deus quer compaixão e não sacrifícios (Mt 9, 13). Pois, ambas as coisas consagrou a Deus.

- Quem recebe a uma criança como esta a mim recebe, disse Jesus (Mc 9,37). Parece que Isabel queria ter sempre um menino ou menina perto, para experimentar esta presença de Jesus.

7.3. Isabel fez de sua vida um seguimento de Jesus, o que “passou fazendo o bem”. Conjugou a vida ativa e a contemplativa: “Mariam induit, Martham non exuit” (L); se revestiu de Maria, porém, não se despojou de Marta. A ardente força interior de Isabel brotava de seu contato com Deus. Sua oração era intensa, contínua, às vezes, até o arrebatamento. A consciência constante da presença do Senhor era a fonte de sua fortaleza e alegria, de seu compromisso com os pobres. Tinha em quem confiar. Contudo, também o encontro de Cristo nos pobres estimulava sua fé e sua oração.



Costumava orar de joelhos. “Quando saía de sua oração privada, seu rosto irradiava um maravilhoso esplendor e de seus olhos saíam como raios de sol” (EC). As servas a surpreenderam num momento místico; dizia: “Se tu, Senhor, queres estar comigo eu estarei contigo e nunca quero separar-me de ti”.

7.4. Sua peregrinação até Deus está animada por passos decididos de desprendimento interior até chegar ao despojamento total como Cristo na cruz. Desprendeu-se de sua vida cortesã, de seu lugar em Wartburgo, de sua condição de princesa, de privilégios, bens e segurança, de seu bom nome ante os que a acusavam ou difamava; desprendeu-se até de seu amor maternal a seus filhos. Ao final não lhe ficou nada mais que a túnica cinza e pobre que quis conservar como símbolo e mortalha.

Assombram as declarações de suas servas sobre a alegria e a paz que irradiava Isabel. Seu semblante resplandecia de alegria e paz. O fundo de sua alma era o reino da paz. Tornou realidade a *perfeita alegria* ensinada por Francisco na tribulação, na solidão e na dor. Quando os magnatas a insultaram e a trataram como estúpida e louca, suportou-os com paciência e alegria; atiravam-lhe na cara que havia esquecido rápido a morte de seu marido e se alegrava do que deveria entristecê-la.

“Temos de fazer os homens felizes”, dizia a suas servas-irmãs. Era alegre em extremo, porém, às vezes, as lágrimas fluíam serenamente por seu rosto.

8. Conclusão

Isabel morreu muito jovem, aos 24 anos. Expirou placidamente rodeada de suas companheiras queridas. Passou por esta vida como um meteoro luminoso e esperançoso. Gastou com pressa todas as forças e graças que Deus lhe havia confiado. Acendeu luzes na escuridão de muitas almas. Levou alegria aos corações aflitos. Ninguém poderá contar as lágrimas que secou, as feridas que cicatrizou, o amor que despertou.

É um espelho de perfeição no qual podem olhar-se casados, viúvas, donzelas e penitentes (L). Sua santidade é um exemplo universal, para seculares e religiosos; antes havia sido secular. Sua santidade foi uma novidade rica em matizes e eminentes virtudes, como destacou o Papa na bula de canonização. Já não eram somente as mártires ou as virgens que tinham acesso à intimidade do amor de Deus e a honra dos altares, mas também as esposas, as mães e as viúvas. Os milagres, que se contaram depois de sua morte, assombram. No entanto, o mais eminente de sua vida é que teceu todas as cordas do amor de seu coração como se fosse o mais normal e simples.

Suas companheiras foram consideradas servas, porém, como ela, foram autênticas religiosas. Isabel percorreu o caminho da perfeição do amor cristão sendo secular, esposa e mãe, porém, depois da Profissão já não foi uma simples secular, consagrou sua vida plenamente a Deus e ao alívio da miséria humana.

A Ordem Terceira de São Francisco, a Regular e a Secular, propõe-se avivar a memória de sua santa padroeira no **oitavo centenário de seu nascimento** e a propõem como luz e exemplo de compromisso evangélico. A Família Franciscana quer honrar a primeira mulher que alcançou a santidade seguindo as pegadas de Cristo segundo a “forma vitae” de Francisco. Isabel foi a mulher que se esvaziou de si mesma para preencher-se de Cristo.

Se evocarmos seu nascimento, sua personalidade singular e sua sensibilidade, é para que, através do conhecimento e da admiração, nos convertamos em instrumentos de paz, aprendamos a verter um pouco do bálsamo nas feridas ao nosso redor, a humanizar nosso ambiente, a secar algumas lágrimas. O compromisso que viveu Isabel estimule nosso compromisso. Seu exemplo e intercessão iluminarão nosso caminho até o Pai, fonte de todo amor; o Bem, todo o Bem, o Sumo Bem; alegria e paz.

FONTES PRINCIPAIS

1. Conrado de Marburgo, *Epistola*, também chamada *Summa Vitae* [Síntesis biográfica]; esta carta ao Papa é a fonte primeira (EC).
2. *Libellus de dictis quatuor ancillarum* [Pequeno livro das declarações de quatro donzelas] (L).
3. Capelão Bertoldo, *Vita Ludovici*, monge beneditino, [Vida de Luis] (VL).
4. Cesáreo de Heisterbach, cisterciense, *Vita sancte Elysabeth lantigravie* [Vida de Santa Isabel gran condessa] escrita em 1236.
5. Anônimo de Zwettl, cisterciense, *Vita Sanctae Elisabeth, Landgravie Thuringiae* [Vida de santa Isabel gran condessa de Turíngia], 1236.
6. Anônimo Franciscano, *Vita beate Elisabeth* [Vida de santa Isabel], de data incerta, finais do século XIII.
7. Dietrich de Apolda, dominico, *Vita S. Elisabeth*, entre 1289 e 1291.

Traduzido para o português por:
Aparecida de Guadalupe Cáfaró.
Nacionalidade: brasileira.

CARTAZ

Link canva:

https://www.canva.com/design/DAG1VOWKsDA/TesJt0SQ5BAx7LPiNeGwvA/view?utm_content=DAG1VOWKsDA&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink&mode=preview



Dia Internacional da

SOLIDARIEDADE

Franciscana Secular

'Em verdade vos digo:
cada vez que o fizestes a um desses
meus irmãos mais **pequeninos**,
a mim o fizestes' Mt 25,40



17 DE NOVEMBRO

+ Informações:





inafradobrasil.blogspot.com

www.jufrabrasil.org

www.ofs.org.br

www.ciofs.info